

A MARIA DA FONTE

AZEVEDO COUTINHO
redactor principal

Semanario noticioso, litterario e agricola

ALVARO GUIMARÃES
administrador

1 DE DEZEMBRO DE 1886

246.º ANNIVERSARIO DA



RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL

EM 1640

1.º de Dezembro de 1640

Esta data gloriosa escripta com letras d'ouro nas paginas da nossa historia está gravada indelevelmente no coração de todos os portuguezes.

Jámais poderá olvidar-se o dia 1.º de Dezembro de 1640, porque n'elle se consubstancia um feito heroico e sem precedentes na luz da historia.

A odiosa oppressão com que, durante sessenta annos, a Hespanha se impoz a Portugal, foi o incentivo mais poderoso para que esta nação illustre, recordando-se das suas passadas glorias, re- vigorando animos e afervorando patriotismo, despedaçasse, no auge do desespero, os peza- dos grilhões que a manietavam.

Quando uma nação escravisa- da, opprimida por estranho jugo, vê despontar no horisonte uma libertadora aurora, e chega a quebrar as peza- das gramalheiras da servidão, reconquistando a perdida liberdade, esse feito heroico, que fica eternamente marcado nas paginas gloriosas da historia d'um povo, faz pulsar o coração dos opprimidos, que expandem o seu contentamento jubiloso.

É o resurgimento heroico d'um povo apoz o baquear estrondoso da tyrannia. É a aurora fulgen- tissima da liberdade que succede, sem crepusculo, á noite te- nebrosa da servidão.

Este povo gigante, que, de um simples condado, constituiu uma nação; que dilatou os seus domi- nios desde o Minho ao Mediter- raneo; e que mais tarde estendeu o seu imperio ás quatro partes do mundo n'esse tempo conheci- das, não podia ser vencido, e muito menos escravizado, por qualquer paiz. Mas da opulencia, alimentada pelas fabulosas ri- quezas do Oriente, que tornaram o reinado de D. Manoel uma ver- dadeira idade d'ouro, resultou a indolencia e o enfraquecimento, como outr'ora succedeu, por i- dentico motivo, ao imperio ro- mano.

Portugal, que enviou ás mais longinquas paragens as suas in- venciveis frotas, sulcando impá- vidos os mais furiosos mares *nunca d'antes navegados*, e que arvorou na Africa, Azia e America a sua bandeira triumphante e immacu- lada, Portugal, alquebrado ain- da pelo desastre de Alcaçer Ki-

bir, sem forças e sem alentos, deixou-se subjugar pela nação visinha.

A morte, sem successão, do cardeal D. Henrique, despertou na ambiciosa Hespanha o desejo de possuir esta florida orla da peninsula. Philippe II de Castella, pleiteando com o prior do Crato a posse do throno portuguez, cingiu a frente com os louros da victoria e o leão castelhano, con- templando, orgulhoso, a sua prê- za, cravou-lhe no seio as suas garras aducas.

Usurpado assim o throno por- tuguez, este paiz sentiu bem depressa que a poderosa Hespanha lhe estreitava nos pulsos os grilhões da escravidão, e por espaço de sessenta annos, quaes sessenta seculos, soffreu as pro- vações mais crueis d'um horro- roso captivo.

No firmamento portuguez eclipsára-se a estrella radiosa, que aureolára este paiz com as ful- gurações mais rutilantes.

Um manto negro envolvera esta nação, que parecia proximo a descer ao tumulo. Mas qual a phenis da fabula, Portugal renasceu de seus proprios destro- ços, e, retemperado do seu en- fraquecimento, levantou-se mais possante e denodado, para sacu- dir, corajosamente, tão ignomi- noso jugo.

Esse longo periodo da oppres- são tornou-se necessario para que os peitos portuguezes se in- flammassem no santo amor da patria; e assim, um patriotismo fervente e uma lealdade acrysol- ada, reunindo os seus esforços, fizeram estalar essas cadeias, re- conquistando a perdida independencia, collocando no luzo throno um monarcha portuguez, e proclamando perante o mundo o mais assignalado triumpho.

Sobre os altares da patria os- tentam-se ainda hoje, envoltos n'uma aureola radiante, os vul- tos venerandos e magestosos de João Pinto Ribeiro e dos quaren- ta illustres conjurados, a quem Portugal, reconhecido, renderá eterno preito.

O dia 1.º de Dezembro de 1640 foi o escolhido para levar a cabo a ardua e arriscadissima empre- za de libertar a patria do despo- tismo e da tyrannia. Soou emfim o grito de liberdade e indepen- dencia, ao mesmo tempo que por todo o paiz se desfaldava o sa- grado pendão das Quinas.

Commemoremos, pois, jubi-

losos, o anniversario d'essa data gloriosa, cuja simples recordação desperta nos verdadeiros portu- guezes o mais devotado patrio- tismo.

Azevedo Coutinho.

1 de Dezembro de 1640

I. — E' das mais gloriosas para o nosso paiz, deseneravado outr'ora dos dominios dos mouros ás lançadas de nossos avós, a data gloriosissima da nossa epigrapho, com 246 annos d'exi- stencia autonómica.

E bastaria na historia este exemplo só, para affirmar-se com o Padre An- tonio Vieira nos Sermões—Tom. VII. §. V—que são os portuguezes no mundo modelos d'heroicidade:

«tendo já tanto a guerra por exerci- cio, como a victoria por costume».

II. — N'esta data gloriosissima da nossa independencia de Castella, «de- pois de gemermos escravos seus du- rante 60 annos de captivoiro infrene», summariam-se os feitos heroicos do mais acrysolado valor, as proezas mais arrojadas do maior amor patriotico.

Cada portuguez de 1640—é um ca- pitão romano Publio Decio Mus, sacri- ficando-se pela patria n'uma batalha contra os latinos.

E' um Publio Horacio Cocles dos primeiros tempos de Roma, assigna- lando-se patrioticamente na ponte Su- blincia contra Porsenna, soberano então dos etruscos.

III. — Seria trabalho de fôlgo inex- haurivel, o havermos de memorar aqui a um e um—para exemplos parallelos d'heroismos patrios—os nomes involu- daveis dos nossos avoengos portugue- zes.

Adstringido-nos por isso aqui aos principaes apenas, fal-o-hemos com o Padre Nascimento Silveira no *Côro das Musas*—Part. II. Cant. I. Oit. 84 e Oit. 85:

«São estes celebrados por façanhas,
«Monizes, Gutierrez, e Pereiras;
«Os Lopes, Cunhas, Castros, e Saldanhas,
«Albuquerque, Correias, e Silveiras:
«Os Sousas, Gamas, Costas, e Pessanhas,
«Os Limas, Vasconcellos, Oliveiras:
«Almadas, Sás, Almeidas, e Botelhos,
«Amaias, Zarcos, Mendes, e Coelhoos.

«Menezes, e Ramires, bons soldados,
«Hermiges, Mascarenhas valorosos;
«Os Silvas, e Ribeiras esforçados,
«Echigues, e Pachecos venturosos:
«Barretos, e Galvões afortunados,
«Andrades, e Macedos tam famosos:
«Com outros mil heroicos lusitanos,
«Que excedem persas, gregos, e romanos.

Braga, 1 de Dezembro de 1886.

O Decano do Lyceu, Pereira Caldas.

Uma data

E' sempre de maxima e proficua im- portancia para um povo, fazer por nunca apagar de sua memoria a recordação dos factos que ennobrecem e exallam rutilantemente as paginas da sua historia, sobretudo quando elle estiver ameaçado de perder o seu remanso quotidiano, porque então terá exemplos que, com certeza, lhe servirão de incitamento.

Em verdade, se nos fastos d'esta pequena nação ha acontecimentos que, sem a menor contestação, são dignos de serem admirados, o que hoje se commemo- ra é, por certo, um dos que, graças ao muito amor patrio, d'um punhado de valorosos heroes, deixou um vestigio mais profundo e indelevel.

Façamos, pois, para que os nossos concidadãos não olvidem este dia e tere- mos praticado uma meritoria acção.

Lisboa. José Parreira.

Real, real, real...

«E julgareis qual é mais excellente
Se ser do mundo rei, se de tal gente»

(Camões—Luziadas, cant. I, est. X).

Completem-se hoje 246 annos que um sol esplendido, despontando no hori- zonte da nossa patria, annunciou a emancipação d'um povo opprimido. Foi no dia 1.º de Dezembro de 1640 que o sol da liberdade aqueceu com seus raios os brios patrioticos de quarenta conjurados, que n'um momento, desoc- cuparam um throno usurpado e proclaz- ram um rei legitimamente portuguez.

Depois de se haver vibrado o ultimo golpe no peito do traidor Miguel de Vasconcellos, parece que os sons victoriosos das trombetas dos vencedo- res se repercutiram por todos os an- gulos do paiz, e no coração dos portu- guezes produziu-se um choque, como de corrente electrica, que lhes fez vi- brar as cordas mais sensiveis.

Depois de sessenta annos de capti- veiro raio, emfim, uma aurora liberta- dora, e com ella, o começo d'uma nova dynastia, firmada na casa de Bragança. O sceptro que o poder castelhano ar- rancára das mãos cadavericas do car- deal-rei, acabava de ser restaurado pe- lo povo d'uma nação illustre.

Essas agitações patrioticas de João Pinto Ribeiro e de seus companheiros d'armas, iam fazer repercutir os echos sonantes do triumpho nos cantões da Persia, nos desertos da Arabia e nos sertões da Africa e da America.

Foi no dia auspicioso 1.º de Dezem- bro de 1640 que a bandeira castelha- na, arrojada, com desprezo, do alto das fortalezas, foi substituida pelo glo- rioso pendão das Luzas Quinas. O brio nacional fez que, n'esse dia, cada por- tuguez fosse um soldado aguerrido, ca- da peito um baluarte inexpugnável!

O povo portuguez sentia-se commo- vido e orgulhoso. Alongando as vistas para os areas de Alcaçer-Kibir, via que foi ahi que a bandeira do crescen- te alcançou essa memoravel victoria, onde encontrou a morte o temerario e inexperiente D. Sebastião, que a histo- ria cognominou o *desejado*. A perda d'esse arrojado monarcha deu occasião a que a ambiciosa Hespanha lançasse a Portugal as duras algemas, que, por espaço de sessenta annos, lhe roxe- aram os pulsos. Foi nas pragens inhospitas da Africa que um sceptro se par- tiu, e uma purpura se rasgou aos gol- pes do alfange, do mesmo modo que em Roma foi rasgada, á ponta de pu- nhal, a toga de Cezar. O povo via a historia d'uma dynastia ultimada com letras de sangue; e, na sua dôr, não esquecia as plagas d'além-mar, onde D. Sebastião morrera abraçado á cruz da sua espada, diante do pendão por- tuguez, arrastado e ensanguentado pe- las hostes sarracenas! Esta recordação d'um povo gigante era bem triste; po- rem, junto dos goivos que adornavam a campa d'um rei portuguez, viam-se os louros virentes do triumpho, apoz o estalar das algemas castelhanas.

Salvé, Portugal, patria querida! Se- ja de festa este dia, embora o de ama- nhã venha a ser de sentimento.

O que Portugal foi nos seus tempos felizes, dil-o a sua historia; o que elle será no futuro, só o mostrará o de- correr dos tempos, ou, quem sabe, o genio traçoero dos Migueis de Vas- cellos que o dominam!

Saudo com jubilo, o anniversario glo- rioso de 1640, e faço votos pela pros- peridade d'esta nação, outr'ora possan- ta, e que foi a rainha das conquistas e dos mares. Oxalá que esses grilhões de vassallagem, com que Portugal manietou vários potentados do mundo, não sirvam ainda para lhe agrilhoarem a sua liberdade e autonomia.

São passados 246 annos, e das cam- pas dos quarentas arrojados conspira- dores portuguezes, parece sair ainda o grito do triumpho, que despertou to- da a nação: *Real, real, real, por D. João IV rei de Portugal!*

Egreja Nova (Povoá de Lanhoso.)

Luciano Anthero Pereira da Costa.

Saudação

Pelos quatro angulos do nosso bello Portugal reboam hoje saudações festi- vas, entoam-se hymnos de gloria n'uma instrumentação d'entusiasmo.

As musicas evolvam para os accordos impregnados de magia e as pegas nas fortalezas encham o ar com a sua voz estridente e o bronze das egrejas repi- ca festivamente.

Urrah? Festeja hoje Portugal o an- niversario da sua independencia.

Lisboa—86.

Augusto Peizoto.

Independencia e Escravidão

(1640)

aos Academicos bracarenses

Eu gosto d'esse arrojo e louvo o enthusiasmo
Com que a Restauração vós sempre festejaes;
Berro contra Castella! e mesmo tambem pasmo
Ao lyrismo febril das glorias nacionaes.

Então, dentro do peito, eu abro o antigo templo
Onde adorei convosco o deus do Patriotismo!
Saudo-vos d'aquí, saudo o grande exemplo
Dos homens de quarenta em rasgos de heroismo.

Mas se afinal presinto as doidas convulsões
D'aquelle amor ardente... o amor das hespanholas,
Custa-me a resistir aos quentes corações
Que palpitam no seio ao, som das castanholas.

Possa embora inventar convencionaes recusas
De possuir no peito o coração de um bravo!
Se fito o sensual olhar das Andaluzas...
Renego a Independencia e quero ser escravo!

Coimbra, 1886

Braulio Caldas.

Será uma festa patriótica a d'hoje?
O snr. Thomaz Ribeiro aqui ha uns
bons vinte annos interrogava «o que
nos quer a Hespanha?» e respondia
logo n'estes versos com a simplicidade
de um grande homem que resolve tri-
umphantemente um problema interna-
cional:

«Quer insultar a lapide funerea
Que pesa sobre vós heroes d'Ourique:
Estremecei de horror filhos de Henrique,
Repercuti meu canto, echos da Iberia!»

Eu peço aos filhos de Henrique que
não estremeçam e aos echos da Iberia
que não repercutam o canto do snr.
Thomaz Ribeiro e que se lembrem d'es-
tas palavras do grande Augusto Comte:
«ora essas esperanças chimericas, es-
sas ideias exageradas da importancia
do homem no universo que faz nascer
a philosophia theologica e que destroe
a primeira influencia da philosophia po-
sitiva são, ao principio, um estimulante
indispensavel não se poderia de certo
conceber que o espirito humano fosse
determinado primitivamente a trabalhos
peniveis.»

Não é pois uma festa patriótica por-
que as ideias que unificam um paiz,
não as temos nós.

Os homens de 1640 são em todo o
ponto dignos do nosso respeito: se a
sua obra não teve no futuro a realização
condigna, os seus intuitos foram puros e
visaram apenas ao bem do sólo que
honraram.

O grande merito da festa d'hoje é a
homenagem a esses homens.

Camillo Queiroz.

FOLHETIM

OS ANJOS DA TERRA

(Romance Italiano)

VERSÃO

do

EDUARDO CUNHA

VII

O passeio

—Precisamente. E' digno d'um em-
prego de confiança, e tu verás se sim
ou não o desempenha bem. Vae abri-
lhe a porta, senão é capás de saltar
pela janella e quebrar alguma coisa.»

Mal abrirem a porta, Moschillo pre-
cipitou-se no quarto fazendo mil cari-
cias a Paulo e a Adelia. Paulo pegou
no cabaz e disse-lhe com voz imperio-
sa:

—«Aqui, Moschillo!»

O cão collocou-se deante d'elle, e
olhou-o com um ar sério que parecia
dizer:

—«Manda, estou prompto.»

Paulo mostrou-lhe com a mão es-
querda o cabaz e levantou o index da

Dia 1.º de Dezembro de 1640

Portugal, patria de heroes, commemo-
ra hoje mais uma vez o faustoso anni-
versario do dia 1.º de Dezembro de
1640, d'esse dia inolvidado, que lhe re-
conquistou os antigos foros da liberdade
uzurpada.

A restauração prodigiosa da perda
autonomia, foi um dos feitos mais he-
roicos dos portuguezes, e essa data
gloriosa, uma das mais brilhantes paginas
da sua historia patria.

A Hespanha, ávida sempre de marcar
os seus limites pelas occidentaes praias
lusitanas, remirava desde remotas éras
a ambicionada preza, que se mais cedo
não havia avassallado, foi porque o va-
lor portuguez lhe mostrou em continuas
derrotas ser muito superior á superioridade
numerica dos seus soldados.

O dominio castelhano, prolongado por
60 annos, em tres reinados, tão odiosos
como intruzos, parecia estar solidamen-
te firmado, assignurando a Castella a
permanente posse de Portugal; porém
esgotada a paciencia dos opprimidos,
revigorados antigos brios, e inflama-
do nos corações o amor da patria, ope-
rou-se admiravelmente a mais rapida
transformação! Raiou, alliam, o dia do
resgate, souo o enthusiastico grito da
liberdade, e os tiranos de hontem, eram
os fugitivos d'hoje.

A Hespanha, que, espreitando, como
o tigre, a occasião opportuna de lançar-
se cubicosa sobre a dezejada preza, o
que no primeiro ensejo o fez sofrega-
mente, apagando, com mão sacrilega,
da carta geographica da Europa a linha

mão direita n'uma attitudo de ordem.

—«Hasde levar isto, vês, com todo
o cuidado, sem correr, como é teu
costume, para todos os lados; seguirás
muito direitinho o teu caminho, deante
de nós. Comprehendeste? Hein?»

Moschillo fez um gesto de submis-
são, como para mostrar que tinha com-
prehendido.

—«Está entendido. Partamos.»

O cão agarrou com os dentes na
aza do cabaz e dirigiu-se para a
porta.

Paulo deu o braço á irmã e par-
tiram.

Chegados á cabana de Magdalena,
Adelia foi a primeira a entrar; desem-
barçou Moschillo do seu fardo e col-
locou-o sobre uma meza tosca. Paulo
deteve-se no limiar da porta e sentiu
uma doce enoção á vista do especta-
culo que se lhe offerecia.

Uma outra alma compassiva prece-
dera-os n'essa obra de caridade. Rina,
em pé junto da doente, abandonava-lhe
a mão direita que a pobre rapariga
apertava com transporte levantando para
a sua bemfeitora um olhar cheio de
gratidão, enquanto que a velha mão,
de joelhos do outro lado, se apoderava
da mão esquerda da nobre mulher e a
cobria de beijos.

Dir-se-hia vèr o anjo da consolação

divisória de duas nações distinctas, tre-
meu atonita, vendo cair em estelbagos
o repugnante edificio das suas ambições.

O invencivel ferro d'Aljubarrota, re-
temperado na adversidade, mostrou mais
uma vez aos filhos de Castella de quan-
to era capaz, os aneis da cadeia igno-
minosa, que nos fora lançada, estalaram
em pedaços; o estandarte castelhano,
que se ostentava nas ameias dos castel-
los, servia, rojado por terra, de tapete
aos vencedores, e o glorioso pendão das
sagradas quinas, vencedor em mil ba-
talhas, tremulava triumphante e mage-
stoso em todos os angulos do paiz.

Salve dia memoravel, que opposte
um dique á corrente da tyrannia, e abris-
te uma nova epocha florescente e pros-
pera a esta nação, por tantos titulos il-
lustre.

Não podendo a orgulhosa Hespanha
soportar que lhe arrancassem a mais
brilhante pedra, com que adornára a sua
coroa, empregou altos esforços, como
leão ferido e raivoso, para subjugar
ainda os vencedores; porém estes, em
dilatada guerra e successivos triumphos,
levaram, derrotados os covardes até ex-
tramuros da patria, firmando em soli-
das bases um nobelissimo throno.

Rodrigues.

Se eu pretendesse agora, n'um fu-
ror patriótico, pela commemoração d'es-
ta festa, exaltar a data 1640 n'uma
bella phrase, moldurada nas mais pre-
ciosas galas d'uma linguagem opulenta,
o primeiro defeito que se notaria na
minha phrase cuidadosamente traba-
lhada, era a falta de originalidade.

Realmente o assumpto—1.º DE DE-
ZEMBRO—é, em questões de lingua-
gem um vocabulario esgotado.

Restava-me dizer mal, á falta de já
não se poder dizer bem.

Garret e Pinheiro Chagas tomaram-
no como expediente. Este ultimo não
chegou a realisar os seus *malevolos in-
tentos*, á falta de *mais uma* edição dos
Luzidas, que necessitasse ser prefacia-
da pelo illustre litterato.

Que tremenda decompostura esteve
imminente ao glorioso Camões!

Restava, ainda, historiar, com todo o
bom humor d'um analyta espirituoso,
o ridiculo d'essa *troupe*, de individuos,
que, sobrevivendo d'umas gerações ás
outras, reservam, durante o anno com
o cuidado d'um economico, uma doze
de patriotismo, para no dia d'hoje, en-
tre os tremulos clarões d'uma marcha
aux flambeaux, e as notas vibrantes d'um
hymno marcial, a expozirem aos ares,
n'esta formula óca e banal:—*abaixo a
Hespanha*.

Ha um anno, Vicente Novaes, pro-
testou vigorosamente contra a rhetorica
d'este rancor convencional:

«Autonomia abaixo, autonomia acima
enchendo sempre a bocca o velho palavão.»

Depois como se afigurasse ao poeta

enviado por Deus para mitigar as dó-
res e as miserias.

O leito do Gogia apresentava-se já
mais agradável á vista; a doente es-
tava sentada, apoiando as costas a
travesseiros d'uma brancura irreprehen-
sivel; sobre o leito, na sua frente,
estava sentado o filho; o roupão de
Guido tirava-lhe o ar de soffrimento
que lhe davam os andraxes immundos
que na vespera o cobriam.

O accesso de febre abandonara Ge-
gia; a indulgencia e a affeição de sua
mãe que lhe perdoara, os soccorros e
as palavras carinhosas de Rina, tudo
concorreram para acalmar o seu deses-
pero. Gogia voltava á vida, sobretudo
a vista da innocente creatura que Deus
lhe dera; e o doutor, que viera vê-la
de manhã, quasi affirmava que o mal
estava vencido. Ella comprehendia bem
que tudo devia a essa mulher pallida,
vestida de preto, e que parecia illu-
minar a miseravel choupana com a sua
belleza modesta e melancolica e o seu
olhar todo doçura.

Quando Rina viu a mãe de Gogia a
seus pés, pediu-lhe para que se levantas-
se, dirigindo-lhe ao mesmo tempo
palavras de consolação; e como, no
mesmo instante, Adelia entrasse seguida
de Paulo, as suas faces cobriram-se
d'um vivo rubor.

Depois que Adelia entregou a Magda-

que d'entre a turba a quem dirigia os
seus protestos, alguém se inclinava á
alliança.

«Mas, se acaso lembrar, um luto rebelião
formar uma alliança no som das castanholas
ou concordo, porém, com esta condição
—Portuguezes de cá, de lá as Hespanholas.»

Eu um tanto mais exigente, perdoe-
me o illustre poeta, não desejava sim-
plesmente, o *vis-á-vis*, embora encan-
tador, das duas nações irmãs, quereria
vel-as entrelaçadas na *walsa* doidejante
da amizade, e depois dando as mãos ás
outras nações, formar o mais fraternal
grand-chaine!

Coimbra.

Anthero de Figueiredo.

Quadro

O tremulo velhinho, erguendo a fronte a medo,
Mostrava o pulso inerte e fraco pela algema.
O pranto, o pranto mesmo, em tímido segredo
Corria no seu rosto n'uma alligação suprema.

II

Depois, o velho heroico, esse guerreiro altivo,
Sacode o jugo vil e deixa o tremedal.
Foi uma lucta enorme! Mas pôde dizer—«Vivo!
E vivo p'ra ser livre!»

—O velho é Portugal.

Braga—1886.

Albano Coelho.

A nossa resurreição...

Portugal no dia de hoje, dia immor-
redoiro e que marca a nossa resurreição,
a nossa independencia, traja galas e exulta
de alegria.

Como um miserico que vive encerrado
n'um carcere horrendo, onde apenas por
uma fresta peneira uma esguia luz;
assim estavas nós, os portuguezes, de-
baixo do jugo castelhano.

A Hespanha, depois de nos algemar,
queria-nos lançar n'um abysmo, mas
um povo heroico, nobre e digno, um
povo que possui um passado todo con-
quistas e todo glorias, um povo enfim
que se chama portuguez, repelliu deno-
dadamente a affronta, derrotando Cas-
tella, a sua maior inimiga.

E derrotando-a, ficou illéo o nome
portuguez que ella queria macular e a
nossa querida patria, até então coberta
de lucto e triste, despertou do enorme
lethargo em que jazia.

Porisso, saudamos, possuidos do
maior jubilo e contentamento esta data,
memorial da nossa resurreição...

1.º de dezembro de 1886.

Jacinto Parreira.

lena o contheudo do cabaz, a mãe e a
filha agradeceram novamente com efu-
são aos seus generosos bemfeitores;
Gegia, commovida até ás lagrimas, to-
mou o filho nos braços, apertou-o de en-
contro ao seio, e, sentindo-se mais forte,
quiz contar os seus infartunios.

Paulo procurava para sentar-se o au-
gulo mais escuro da choupana. Tinha
deante dos olhos o perfil correcto de
Rina, que se destacava docemente, na
sua candura, sobe o fundo escuro da
parede á qual estava encostado o leito da
doente. Rina quasi esqueceria a pre-
sença de Paulo; não julgava certa-
mente que era observada com tanto
interesse e deixava transparecer na
physionomia ingenua e franca as gene-
rosas impressões da sua alma sensi-
vel.

—«Ha um anno, começou Gegia,
tomo Deus por testemunha, que é este
o primeiro momento de felicidade que
experimento... E é ás senhoras que
eu o devo; que Deus lhes pague todos
os beneficios que me têm feito!»

Rina lez um gesto para a interrom-
per, mas Gegia continuou com vivaci-
dade:

—«Oh! deixem-me fallar. O cora-
ção tambem precisa allivio quando suc-
cumbe sob o peso das dores que o
opprimem. São decorridos tres annos
sem que eu tenha podido abrir a alma

NOTICIARIO

EXPEDIENTE

Querendo nós commemorar o
anniversario festivo da res-
tauração de Portugal em 1640,
resolvemos adiar para hoje a
publicação d'este numero, que
se adorna com bellos artigos
litterarios com que fomos mi-
moseados, e cuja fineza muito
agradecemos aos seus aucto-
res. Aos nossos estimaveis as-
signantes pedimos desculpa de
não lhes termos participado
no ultimo numero a mudança
que fizemos, pois que a nossa
resolução foi tomada ulterior-
mente.

1.º de Dezembro.—O dia d'ho-
je será de gala para esta villa e as
manifestações de regozijo que se espe-
ram mostrarão eloquentemente que os
povocenses são verdadeiros patriotas, de-
dicados portuguezes.

O sarau dramatico, de que já temos
fallado promette ser atrahente propor-
cionando aos convidados algumas horas
de agradável entretenimento.

Assucar de nova especie.—
Foi descoberta pelo dr. Fahlberg, de
Leiprig, uma substancia extrahida do
breu e da benzina, cuja duçura é in-
comparavelmente superior á do melhor
assucar. Diz-se que uma parte, junta
a mil, ou duas mil d'outra qualquer
substancia, ficará este conjuncto tão
doce como o melhor assucar de cana.

O revez da *medalha*, porém, é que
tal substancia não é assucar nem tem
qualidade alguma nutritiva, é simples-
mente um engano aos orgãos do pala-
dar.

O preço d'esta substancia regula por
11\$000 rs. a libra, mas como uma
corresponde a duas mil, torna-se barato
um tal *assucar*, prejudicando conse-
guentemente, o commercio do verda-
deiro.

Antonio Fogaga.—Agradece-
mos a este nosso amigo e distincto poe-
ta o seu precioso soneto, que não pu-
blicamos hoje, por absoluta falta de es-
paço. Irá no proximo numero.

Exportação de sal.—Dizem
de Setubal que o rio Sado está cheio
de navios de diferentes procedencias,
afim de fazerem carregamento de sal.

Nunca affluiram aquelle porto tantos
vasos mercantes, nem a exportação do
sal foi tão animada.

Borracha europea.—Parece
que já não será exclusivo da Africa
a produção da borracha, pois acha-se
descoberta em França uma planta (*Son-
chus claraceos*) de que se pode extra-
hir a materia-prima para a fabricação
do caut-chuc.

a um ente amigo para me lastimar
e para me consolar... Sentia-me aban-
donada de todos. Procurava illudir-me,
mas em vão! Repito que, ha um an-
no, não gosei um unico momento de
felicidade... Direi antes *ha tres an-
nos*, desde o dia em que fui sufficien-
temente criminoso para voltar as cos-
tas a esta choupana e abandonar mi-
nha mãe! Desde então nunca mais con-
nheci nem paz nem contentamento...
A principio, procurava distrahir-me,
esquecer-me, fazendo loucuras de to-
da a especie. Acontecia-me mesmo rir,
parecer alegre; mas a alegria que eu
experimentava era cheia de amargura
e em nada se assimilava ás alegrias
passificas de outr'ora!

Durante um anno, a minha vida foi
um inferno. Meu Deus! se a mulher
soubesse, quando nova, que de tormen-
tos custa uma falta, oh! abandonaria
mais fagueiro o dever! Logo que
tive consciencia da minha falta perdi
completamente a estima de mim mes-
ma. Disse comigo que eu era uma mul-
her perdida para sempre. e que, na
situação deshonorosa em que me des-
penhara, teria de envergonhar-me até
ao dia da minha morte. Tive por um
momento as ideias de por termo á
existencia, mas este ser que nenhuma
culpa tem segurou-me no declive fatal.»
(Continua).

A Academia de Braga e o 1.º de Dezembro.—A briosa academia bracarense também este anno commemora esta data. Hontem levou á scena, em S. Geraldo, as comedias «Coração n'Estomago» e «Mosquitos por cordas».

Hoje a academia tenciona dar um *Te-Deum* na Sé, e á noite effectua uma grande marcha *au flambeau*. Urrah pela academia bracarense!

Eleições.—Procedeu-se, no penultimo domingo ao apuramento dos votos da eleição camararia e dos procuradores á junta geral do districto, ficando eleitos os seguintes individuos:

Junta geral

João José Simões Velloso d'Almeida, de S. João de Rey (effectivo.)

José Albino da Silva, de Font'Arca-da (substituto.)

Camara municipal

Effectivos—Maioria.

Paulino Antonio d'Araujo, de Lanhoso.

Antonio Villela Areias, de Louredo.

Domingos Alves Vieira, de Thaide.

Antonio Joaquim de Mattos, de Brubhaes.

Antonio de Sousa e Azevedo, de Moure.

Minoria.

Dr. Adelino Vieira de Campos de Carvalho, de S. Gens.

Substitutos—Maioria.

Francisco José da Silva, Font'Arca-da.

Antonio Joaquim de Carvalho, de Verim.

José Antonio d'Araujo e Silva, de S. João de Rey.

Manoel Custodio Vieira, d'Oliveira.

José Bernardo Ribeiro, de Gallegos, Minoria.

Antonio Joaquim da Silva Guimarães, de Santo Emilião.

João Gonçalves Fernandes, da Esperança.

Estes dois ultimos tiveram a votação igual a mais outros dois, porem ficaram estes eleitos por serem mais velhos.

Camillo Queiroz.—Abrilhanta hoje a nossa folha com um escripto seu, o sr. Camillo Queiroz, digno redactor da «Vigilia», revista critica lisbonense.

Agradou-nos a visita d'este novo collaborador e, agradecendo a sua collaboração, desejamos sinceramente que não seja esta a ultima vez que nos honre com a mesma.

Applicação do assucar.—Diz-se que, misturando-se assucar com cal, e mesmo com as argamassas e cimentos usados nas construcções, se obtém uma substancia excepcional em resistencia, e preferivel a qualquer dos melhores cimentos até hoje applicados.

E' mais uma das muitas descobertas que todos os dias se registram.

Moedas de prata.—Vão ser distribuidas pelos diferentes districtos do paiz 46:200\$000 reis em moedas de prata do valor de 200, 100 e 50 reis.

Bom era que o governo mandasse emitir também moedas de cobre de valor de 50 reis, que facilitavam muito a contagem, visto que 10 eram 500 reis, o que, não só economisava tempo, mas evitava o incommodo de trazer na mão 25 moedas de 20 reis.

A emigração.—O governo brasileiro projecta mandar á Europa um commissario para estudar a maneira de organizar a propagação de emigração, cuja sede, em Paris ou Bruxellas sob a direcção do nosso ministro n'esta capital, deverá ter filiaes na Italia, Alemanha, Hespanha e Portugal.

Encerramento do cofre.—Termina hoje o prazo para o pagamento da contribuição industrial de renda de casas e sumptuaria e decima de jeros. Passado o dia de hoje tem mais 3 por cento, e depois o juro da mora correspondente.

Chá.—Segundo noticia o «Anglo-Litano» de Bombaim foi exportado de Ceilão, no mez d'Abril proximo passado, um milhão de arrateis de chá.

Tem feito rápidos progressos a industria d'este genero n'aquella ilha, e é de esperar que em breve aumente em grandes proporções a referida exportação.

Condes de Paris.—Esperam-se no principio de Fevereiro proximo futuro, em Lisboa, os condes de Paris.

Vinho do Porto em Hamburgo.—São bastante importantes as nossas relações commerciaes com a praça de Hamburgo, avultando, entre diferentes generos, o vinho que para lá exportamos. O do Porto é o mais conhecido e que tem maior consumo, como se vê da seguinte nota: Durante o anno findo importaram-se do Porto 3:097 pipas e 12:477 caixas; de Lisboa 799 pipas e 12:475 caixas; da Madeira 324 pipas e 104 caixas. O augmento de exportação tem sido muito sensivel.

Segundo informações do nosso consul, todas as grandes casas commerciaes d'outros pontos têm representantes em Hamburgo, e de lá se fornecem dos nossos vinhos.

Reunião agricola.—Teve lugar no penultimo domingo outra reunião da commissão encarregada de elaborar os estatutos para o projectado centro agricola n'este concelho. Aplanadas algumas duvidas sobre os estatutos, foi resolvido convocar os principaes agricultores d'este concelho para uma reunião que se realizará no domingo 19 do corrente. Esta reunião tem por fim o discutir os estatutos antes de serem submettidos á approvação do sr. governador civil do districto.

Questão de foros.—Com referencia ao artigo editorial do n.º passado, sobre a injustificada especulação da agiotagem, que ha muitos annos tem perseguido os povos d'este concelho, exigindo-lhes o pagamento d'uns foros legalmente extinctos, somos informados que, além de varias demandas intentadas contra diferentes proprietarios, cujo resultado tem sido sempre o triumpho da justiça, foi uma d'estas com o fallecido sr. Francisco Antonio d'Araujo, da casa de Real, freguezia de Ferroiros, ao qual foi proposta transacção mediante algum dinheiro. Como o dito sr. não cedesse a tal extorsão, é por isso que, de novo, a agiotagem incommoda a sr.ª D. Roza da Conceição Teixeira de Sousa, viuva do referido proprietario. A questão está pendente, e o autor juntou aos autos um novo documento, que ainda mais confirma a nullidade da escriptura em que se basea.

Candidato progressista.—Diz-se que o partido progressista d'este concelho apresentará como seu candidato na proxima eleição de deputados o nosso conterraneo, o sr. dr. Porphyrio Antonio da Silva residente em Coimbra, onde ultimamente fundou um excellente collegio.

O infante D. Affonso.—Na proxima primavera irá o sr. infante D. Affonso, em viagem, ao estrangeiro.

O motivo da referida viagem é de instrucção.

Arthur Peixoto.—Deve chegar amanhã a Braga este nosso amigo, irmão do nosso presado correspondente de Lisboa, Augusto Peixoto.

Doença.—Tem estado bastante incommodado o nosso amigo, o sr. José Luiz Ferreira Sampaio, o que sentimos, desejando-lhe o mais prompto restabelecimento.

Caldas do Gerez.—O sr. Ricardo Jorge, illustre clinico e hydropata, indo ha pouco tempo ao Gerez levou em sua companhia dois engenheiros e todo o necessario pessoal para levantar a planta geral d'aquella localidade.

E' um melhoramento importante, e que será perfeitamente executado.

Republicanos.—Em Lagos conseguiram os republicanos a maioria da camara municipal e procuradores á junta geral do districto.

BIBLIOGRAPHIA

Revista Illustrada. Vamos rapidamente analizar as produções que esta excellente publicação encerra.

A *minha lady*—E' o titulo de tres quadras, perdão, de doze perolas que se engastam na primeira pagina da *Revista*, firmadas pelo nome laureado de Bulhão Pato.

Pode bem dizer-se que abriu com chave d'ouro... Pobre Maria! Estas duas palavras encimam um bem cinzelado conto, escripto pelo sr. Manoel de Castro Pereira, nome totalmente desconhecido para nós, mas que revela um bom talento. Segue-se um soneto em francez, do conde de Seisal, feito com arte e que qualquer dos poetas francezes de maior nomeada não se envergonharia de perlihar.

Depois depara-se-nos o conto *Consuelo*, bem burilado, devido á penna do sr. Louzada de Magalhães, escriptor que desconhecemos.

Mais adiante encanta-nos o soneto *Edipo E O Amor*, de Luiz de Guimarães e está dito tudo.

Alfredo Gallis, um bom talento, escriptor feito á custa de muito estudo e boa leitura, dá-nos depois a saborear o seu bello conto *Historia d'uma perola*.

Esta joia que se engasta na *Revista* é mais uma prova do grande merito litterario que sempre nos inspirou o *Rubelais das Volupias*.

Virando a folha temos a *Delmyrita*, uma historietta em verso do poeta Costa Alegre.

Agradou-nos bastante esta produção e pena é que o seu author não escreva mais a meudo.

O *Pae Gil*, é a narrativa d'uma das anedoctas d'um artista dramatico, firmada pelo sr. Xavier de Mello. Francamente, não achamos merecimento algum litterario a estas poucas linhas.

Seguem-se tres quadras intituladas *Dolores*, do sr. Libanio da Silva.

Esta produção já nos agradou mais que a anterior.

A *Condessa Lili*, pequeno romance naturalista firmado por Gonsalves de Freitas, e que, como ainda não conclue, nada diremos por agora a seu respeito.

Temos em seguida as *Historias cor de roza, Branca de neve*, do mesmo auctor. Se a memoria não nos atraição, cremos já ter lido esta collecção de historias onde se nos revela o talento do poeta das *Oscillações, Impressões* e ultimamente das *Reminiscencias*, n'um jornal da capital; ou no *Nacional*, ou na *Patria* diario dirigido por Gonsalves de Freitas e de vida ephemera. Não queremos dizer com isto, que esta reproducção não tenha o valor das outras produções ineditas que veem emolduradas na *Revista*, pelo contrario, tanto gostamos da *Branca de Neve* que a temos mais d'uma vez, apezar, de não concluir n'este numero.

Mais adiante temos um bom estudo comparativo: *Politica Portuguesa e Litteratura Franceza*, devido também á penna de Gonsalves de Freitas. Concordamos totalmente com as ideias que o auctor expende no mesmo artigo, não obstante não nos dominar nenhuma paixão politica.

Depois deparamos com uma poesia intitulada *os Mortos* referente ao ha pouco fallecido poeta Mendes Leal. São vinte flores diamantinas que Gonsalves de Freitas desfolha sobre a campa do fallecido.

Fallemos agora da *Critica Litteraria e Artistica*, firmada pelo redactor da *Revista*.

A carta prefacio das *Telas em Prosa* agradou-nos bastante pela sinceridade com que está escripta.

Com relação á *Fabia* podemos afirmar ao digno redactor da *Revista*, que attendendo aos immensos roubos que se fazem no mundo litterario, se fossemos a apitar era-nos preciso andar sempre d'apito na bocca e... mesmo assim.

As paginas referentes á *Critica Americana*, de Augusto Forjaz, agradaram-nos também. Escripitas com imparcialidade e sem que a amizade ou o proximo parentesco tolha o critico no seu caminho.

Depois aprecia, o romance *O Padre*, de Augusto de Lacerda. Como ainda não temos o livro não podemos

hem ajuizar da critica que na *Revista* lhe é feita.

A critica ao livro *Outomnos e Primavera*, está bem feita.

O prefacio das *Luciolas* é uma perola onde resalta a muita modestia do redactor da *Revista*.

Seguem-se os *Artigos importantes insertos nos principaes periodicos*. Pena é que Gonsalves de Freitas referindo-se á *Provincia* não mencione as magnificas chronicas de Paris que este jornal semanalmente insere.

A referencia ás *Chronicas do dia do Nacional*, escriptas por um povo é tão justa como bem tecida.

As apreciações a outros jornaes não são menos justas.

Ahi ficam as impressões que nos suggeriram da sua leitura expendidas francamente. As illustrações são primorosas, a mór parte devidas ao lapis de Joaquim Costa. Agradecendo ao sr. Gonsalves de Freitas a sua tão amavel dedicatória, e immerecida offerta, agouramos á *Revista Illustrada* longa vida e o auxilio do publico illustrado, como merece.

No proximo numero daremos annuncio.

A *Estação.*—D'este excellente periodico illustrado para as familias publicou-se o n.º 16 relativo ao mez de Novembro.

Propaganda Democratica.—Estamos de posse dos 2.º, 3.º, 4.º volumes d'esta publicação quinzenal, de que não temos fallado porque os recebemos com atrazo. Hoje, por falta de espigo, occupar-nos-emos sómente do 2.º volume:

O que é a republica.—Este livrinho, de 32 paginas, esmaltadas pelo reconhecido talento do sr. Consiglieri Pedroso, divide-se em duas partes. Na primeira trata o seu auctor da republica em theoria, combate o principio de hereditariade e apresenta o systema do governo republicano como o mais consentaneo com o interesse dos povos. Na segunda parte occupa-se da republica na pratica, e analisa as varias republicas, que tem sido implantadas, mostrando quaes as causas accidentaes que motivaram á má governação de algumas.

Eis, na sua essencia, *O que é a republica*.

Os Invisiveis de Lisboa.—Chegaram-nos ultimamente os fasciculos n.ºs 3, 4, e 5 d'este excellente romance original de Gervasio Lobato e Jayme Victor. Com o fasciculo n.º 5 terminou o 1.º volume e principiou o 2.º. A edição pertence ao arrojado editor David Corazzi, de Lisboa.

O Charivari.—Temos já em nosso poder o n.º 2 d'este elegante semanario humoristico e de caricaturas que se publica no Porto. Vem primorosamente illustrado e esplendido de verve.

Bibliotheca dos Pobres.—Recebemos o volume 6.º, relativo ao mez de Outubro findo, d'esta magnifica publicação editada pelos snrs. Lucas & Filho, de Lisboa. Vem, como os demais, cheio de leitura amena e agradável.

A *Aurora.*—Possuimos o n.º 8 d'este quinzenario que vê a luz na Povoia de Varzim. As suas paginas encerram produções de novos, que de futuro serão escriptores de pulso. Não recebemos o n.º 7 d'esta publicação, porisso pedimos ao collega o favor de nol-o enviar.

A *Mosca.*—Já cá temos o n.º 19 d'este grande heroe da gargalhada. Vem cheio d'espírito, fazendo rir o leitor a bandeitas despregadas.

Mais uma.—E' este o titulo d'um excelente conto, publicado no segundo numero dos *Contos Modernos*.

Contos!

Dit-nos-hão os leitores:

«Os folhetins, as revistas litterarias, livros, tudo está cheio de contos».

E' verdade!

Bem sabemos que os neophitos

todos alinhavam contos, mas sem valia e pobres de forma.

Mas leitores, este de que vamos fallar, não pertence a essa classe, este, é burilado delicadamente e por mão d'artista como é o sr. Conde de Ficalho.

E' a historia d'uma mulher honesta, que ama ternamente um rapaz da sua aldeia e que repelle orgulhosa as propostas d'um *quidam* endinheirado, mas que mais tarde pelos revezes da vida, penetrando-lhe no lar a miseria, e a fome e a tristesa encovandolhe as faces vende a sua honra por dinheiro, entregando-se a esse *quidam* a quem teve sempre a maior antipathia, só para matar a fome que a dilacerava e á mae.

Eis uma these bem philosophica! Os personagens do conto são bem creados. No que respeita a descriptivo o auctor houve-se também primorosamente.

Emfim é um conto escripto por mão de mestre. A edição é acurada, impressa em typo elzevireano, illustrado no texto e ornado com o retrato do auctor.

Agradecemos.

Jacinto Parreira.

ANNUNCIOS

SARAU DRAMAICO

Povoia de Lanhoso, 1.º de Dezembro de 1886

Espectaculo particular e gratuito em commemoração d'esta data gloriosa, anniversario da restauração de Portugal em 1640

Alguns amadores dramaticos d'esta villa levarão á scena o drama em 2 actos:

AMOR E HONRA

e a comedia em 1 acto

Resonar sem dormir

Nos entreactos serão recitadas poesias patrioticas.

Advertencia—Pede-se ás pessoas que receberem convite para este sarau que não tragam aggregadas a si pessoas estranhas á sua familia e que não tenham sido convidadas.

Comarca da Povoia de Lanhoso

Pelo juizo de direito da comarca da Povoia de Lanhoso, e no inventario de menores a que se procede por obito de Domingos Antonio Esteves, mórador que foi no logar do Pinheiro, freguezia do Garfo, d'esta comarca correm editos de trinta dias a contar da segunda e ultima publicação d'este nos jornaes competentes, para os fins e effectos do artigo 696 do codigo do processo civil, na parte applicavel.

Povoia de Lanhoso 8 de Novembro de 1886. E eu Guilherme Pinto Teixeira de Carvalho, escriptivo o subscrevi.

Verifiquei a exactidão
A. Pimentel.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

A DIFFAMAÇÃO DOS LIVREIROS

sucessores de
ERNESTO CHARDRON
(Opusculo a proposito do arresto feito pela firma Lugan & Genelioux, successores de Ernesto Chardron, á edição do livro *BOHEMIA DO ESPÍRITO*, editado por Eduardo da Costa Santos)

Á venda na Livraria Civilização, rua de Santo Ildefonso 4 e 6, e nas principaes de todas as terras do reino e illas.—Preço, 150 reis, pelo correio 160.

ALVARO GUIMARÃES

26 — Praça Municipal — 29

POVOA DE LANHOSO

Assignatura permanente para: História Universal, de Cesar Cantu.—História de França, de Henri Martin.—História de Portugal, de Pinheiro Chagas.—Dicionário Universal Portuguez.—Dicionário de Geographia Universal e Dicionários do Povo.—Romances dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros.—Obras de instrução e recreio, edições populares.—Bibliotheca Infantil.—Bibliotheca do Povo e das Escolas.—Todas as obras de Julio Verne.—Jornaes: Moda Illustrada e Elegante.—Illustração.—Illustração Portugueza e Occidente.

Encarrega-se de mandar vir com promptidão, além das obras aqui annunciadas, qualquer outra quer portugueza quer estrangeira.

Café genuino sem rival

Este café é incontestavelmente o melhor que existe, em virtude do seu proprietario ser escrupuloso na escolha do café de primeira qualidade e recebê-lo directamente do Brazil e Cabo Verde.

É torrado por um processo especial, sem confecção e por isso tem recebido a honra de ser o preferido, como o mais puro e genuino. Não acontece o mesmo a muito café importado de Inglaterra, que tem uma linda apparencia, bom cheiro, mas sem força, e de desagradavel gosto; e tanto que sendo submettido a um processo chimico se lhe extrahia toda a essencia que encerra. O café que vendemos em nosso estabelecimento está sempre fresco e é moido a vista do comprador.

Preço por kilo..... 600 reis.

« « 450 grammas (antigo arratel) 280 »

EXPERIMENTEM E VERÃO

A venda no estabelecimento de mercearia do Manoel Antonio Gonçalves, largo da Lapa n.º 1. Antiga Casa Cerqueira, Braga.

Neste estabelecimento ha uma grande collecção de vinhos finos genuinos, por preços muito razoaveis e proprios para garrafeira.

Vendem-se por medida e garrafa.

Tabacaria S. Romão

4, Praça do Barão de S. Martinho, 4 BRAGA

Neste importante estabelecimento, além do muito variadissimo e escolhido sortido de diversas marcas de charutos e cigarros de todas as fabricas do paiz, contam-se um cem numero de diferentes marcas de cigarros e charutos Havanos, Hamburgueses, e Bahianos, Imperias da Imperial Fabrica da Bahia, e os muito apreciaveis charutos—Exposiçãõ de Cardoso, Integridade, Havseasticos e La patricia.

Variadissima collecção

De boquilhas, cachimbos de espuma da Belgica e de manufactura rancesa, e em ambar, inteiriças.

Boquilhas e cachimbos de raiz (da Suissa).

Um certamen de miudesas diferentes, proprias para fumantes, bem como carteiras, cigarreiras, charuteiras, em couro da Russia, em madreperola, e couro inglez, n'esta especialidade de miudesas rivalisa com a muito acreditada havanese d'onde se surte.

Papelaria, objectos d'escriptorio, tintas, e uma collecção infinita de objectos innumeraveis, dominós, bocetas para rapé que vende por preços sem competidor e por serem artigos especiaes, que só se poderão encontrar n'esta casa.

MAIS UM TRIUMPHO!

A COMPANHIA FABRIL SINGER

tem a satisfação de annunciar ao publico que as suas excellentes machinas acabam de obter

na Exposição Internacional de Saude de Londres a

MEDALHA
D'OURO

suprema recompensa que alli se concedeu á industria



na Exposição Internacional de Amsterdam, em 1883, alcançou grande

DIPLOMA
D'HONRA

o maior e mais honroso premio que se concede aos expositores

Convidamos o publico a vir ver as excellentes e ainda não igualadas machinas de coser, de LANÇADEIRA OSCILANTE que esta Companhia expoz á venda

As suas grandes vantagens são :

Braço muito elevado. Lançadeira que leva um carrinho de algodão. Não precisa encher canella nem enfiar a lançadeira. A agulha é sempre ajustavel. Dá dous mil pontos n'um minuto! Levissimas no trabalho e silenciosas sem igual.

Pespointo o mais perfeito e mais elastico, tanto em cambracia como nos tecidos mais grossos. Não quebra as agulhas nem corta a fazenda. Todo o seu machinismo é ajustavel, e com o uso e os annos está a machina sempre perfeita. Garantidas por 12 annos.

Vendem-se a prestações de 500 reis por semana e a dinheiro menos 10 por cento. Para evitar falsificações devem só comprar na

Companhia fabril Singer

27, Largo do Barão de S. Martinho, 27 — Braga.

FABULAS DE LA FONTAINE

Illustradas com cerca de 600 composições de Gustavo Doré

Traduzidas pelos principaes poetas, antigos e modernos, de Portugal e Brazil com estudos criticos de Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Theophilo Braga

Edição de luxo feita sob a direcção de Eduardo Garrido e Mariano Pina.—Em dois volumes, divididos em 50 fasciculos, proximoamente ao preço de 200 reis cada um.

PUBLICA-SE NOS DIAS 15 E 25 DE TODOS OS MEZES

Assigna-se em Lisboa na casa editora David Corazzi, rua da Atalaya, 52, e no seu deposito, rua dos Retrozeiros, 153.

GRANDE EDIÇÃO POPULAR

VIAGENS MARAVILHOSAS

Aos mundos conhecidos e desconhecidos por

JULIO VERNE

Em Lisboa cada volume brochado 200 rs. encadernado 300 reis.

Nas provincias mais 30 reis para porte.

Distribuição mensal de um volume illustrado com duas gravuras separadas. Casa editora David Corazzi, rua da Atalaya, 52, Lisboa, e em todas as livrarias e demais correspondentes da mesma casa.

NOVIDADE LITTERARIA

Luiz de Magalhães

O BRAZILEIRO SOARES

com uma carta—prefacio

de

EÇA DE QUEIROZ

Preço—700 reis. A venda na livraria dos editores Lagan & Genelloux, successores de Chardon, Porto, e nas demais livrarias.

ANNO CRISTÃO

Está concluido o primeiro volume d'esta importantissima obra que meaceu provisões de approvaçãõ e recommendaçãõ dos seguintes venerandos Prelados:

Exc.^{mo} snr. Cardeal Bispo do Porto; exc.^{mos} e revm.^{os} snrs. Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas, Bispo da Guarda, Bispo de Vizeu, Bispo de Angra do Heroismo, Arcebispo de Mitylene, Bispo do Funchal, Arcebispo Bispo do Algarve, Bispo de Bragança, Arcebispo Titular de Perga, coadjutor e futuro successor do arcebispado de Evora, Bispo de Beja, Em.^{mo} snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa e Exc.^{mo} e revm.^o snr. Arcebispo Metropolitano de Goa, Primaz do Oriente.

Um grosso volume de 600 paginas e 90 estampas, representando os vultos mais proeminentes do Christianismo.

Preço por assignatura.... 1\$600

» avulso.... 2\$000

Para a provincia accoõe o porte. Magnificas capas de percalina a 500 reis, para a provincia 550 reis.

Acha-se á venda no escriptorio da empresa editora: rua dos Martyres da Liberdade, 249.

Correspondencia dirigida a Antonio Dourado.

Continua com toda a regularidade a distribuição do segundo volume.

Nossa Senhora de Paris

POR VICTOR HUGO

Romance historico illustrado com 200 gravuras novas compradas ao editor parisiense EUGÈNE HUGUES

A obra constará de 1 volume ou 18 fasciculos em 4.º, e illustrada com 200 gravuras, distribuido em fasciculos semanaes de 32 paginas, ao preço de 100 reis pagos no acto da entrega. Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, mas só se accoẽtam assignaturas vindo acompanhadas da importancia de cinco fasciculos adiantados. A casa editora garante a todas as pessoas que angariarem qualquer numero de assignaturas, não inferior a cinco, e se responsabilisarem pela distribuição dos fasciculos, a commissão de 20 por cento. Aceitam-se correspondentes em todas as terras do paiz, que dêem abono á sua conducta.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, editor — Porto—4, rua de Santo Ildefonso 6, —Porto.

P. L. M.

Grande romance parisiense de XAVIER DE MONTEPIN

Em 6 volumes illustrados com 18 chromolithographias

Aguarelladas por Manoel de Macedo e executadas na lithographia Guedes

TRADUCÇÃO DE A. M. DA CUNHA E SÁ

O reis cada folha — 10 reis cada chromo — 20 reis cada capa colorida

Brindes a todos os srs. assignantes } UM ALMANAK ILLUSTRADO PARA 1888. } A CAPA DO 1.º VOLUME COLORIDA.

Lisboa, 60 reis por semana, pagos no acto da entrega.

Provincias, 120 reis, de duas em duas semanas, pagos adiantadamente.

VEJAM-SE OS PROSPECTOS E OS ALBUNS-SPECIMENS

Assigna-se na casa editora Corazzi, 42, R. da Atalaya, no Deposito, R. dos Retrozeiros, nas livrarias e correspondentes da mesma casa. N'esta villa, recebe assignaturas Alvaro Guimarães.

INJECCÃO BRACARENSE

preparada por

JOSE RODRIGUES PEREIRA

pharmaceutico approvado pela Escola Medico-Cirurgica do Porto

Experimentada nas purgações recentes e chronicas, ainda as mais rebeldes, esta injeccão tem produzido optimos resultados, curando radicalmente e em pouco tempo aquellas doencas, sem outro tratamento. É higienica, inoffensiva e um excellentes preservativo. Unico deposito: Pharmacia Rodrigues, rua Nova de Sousa, 5—Braga.

VICTOR HUGO

NOSSA SENHORA DE PARIS

Traducção portugueza de Augusto Cruz

Edição illustrada de primorosas gravuras

Desenhos de A. Silva

Condições d'assignatura

A obra constará de sete volumes formato 32.º, contendo cada um pelo menos 128 paginas de texto, duas gravuras e uma primorosa capa lithographada pelo modico preço de 100 reis cada volume.

Nas localidades onde a empreza não tenha correspondentes, o pagamento é feito «adiantada mente» ás séries de seis ou mais volumes.

A distribuição de cada volume é feita nos dias 15 e 30 de cada mez. Os pedidos de assignaturas devem ser feitos á

Casa Editora — SOUSA & C.^a

12 — Rua das Oliveiras — 12

PORTO

N'esta villa assigna-se em casa de Alvaro Guimarães.

BIBLIOTHECA DOS POBRES

Publicação instructiva e amena

Unica no seu genero

e sem precedentes em Portugal

Publica-se mensalmente em livros de 64 paginas, custando cada um apenas—60 reis.

Assigna-se na empreza editora — Lucas & Filho, rua do Diario de Noticias, 93—Lisboa. N'esta villa recebe assignaturas A. G.

Principios elementares de Musica

Para uso das escolas de ensino primario, de um e outro sexo, colligidos segundo o programma official por Eduardo Maccedo

Remette-se franco de porte para qualquer ponto do paiz. Preço 160 reis. «Livraria Portuense», editora, rua do Almada, 123—Porto.

A ALCOVA

PRINCEZAS E RAINHAS

Grande romance historico por Julio aujoint—traducção de J. G. Costa

Scenas escandalosas da vida de diversas princezas e rainhas, em que figuram Cleopatra, Messalina Joana, rainha de Jérusalém, Catharina II, da Russia; Leonor Telles, de Portugal; Maria Stuart, Maria de Médicis, Anna d'Austria, e tantas outras rainhas, e que revelando os terribes mysterios da torre de Nesle, termina em Maria Antonietta, cuja cabeça enbranquecida na prisão n'uma noite de angustia, caiu no cesto da Guilhotina.

10 rs. cada folha de 8 paginas—Estampas a 19 rs.—50 rs. semanaes por 5 folhas ou 4 e uma estampa.

Brindes aos angariadores de 6 a 40 assignaturas.

Assigna-se na empreza Serões Romanticos editor—F. N. Collares, Lisboa —rua da Atalaya, 18—Porto—rua de Santo Ildefonso, 8.

MANUAL PRATICO

de VITICULTURA

Para a reconstituição dos vinhedos meridionaes, vides americanas, submersão e plantação nas areias, por

Gustavo Foëx

Director e professor da escola nacional d'agricultura de Montpellier

Com 32 gravuras intercaladas no texto

Versão da 3.ª edição

Seguida de varias notas sobre estudos feitos em Portugal, por

Alves Torgo

Agronomo e medico-veterinario, redacção do «Agricultor Portuguez»

1 volume de 300 paginas. A venda na «Livraria Civilisação», de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso 4 a 6—Porto.

Preço 606 reis, pelo correio 630.